

RECADO

MEU caro dr. Alkmim, tenho um recado para o senhor. O assunto é miúdo: um amigo meu — nosso — está às voltas com a Alfândega desde 1956 e até hoje não conseguiu retirar o que é seu. Não é cadilaque, doutor; nem mesmo televisão ou geladeira, nada «made in USA»; é só mercadoria nacional.

A vítima chama-se Emiliano Di Cavalcanti, pintor nesta praça, aqui nascido à rua do Riachuelo, e atualmente em visita a Paris, onde faz cartões de tapeçaria para o Palácio Alvorada, de Brasília — onde, aliás, espero ter o prazer de visitá-lo um dia, dr. Alkmim, quando o senhor deixar, por ele, o Palácio da Liberdade, onde, ao que me informam, residirá breve. Está agradando a conversa?

Acontece que, em 1956, Di representou o Brasil na Bienal de Veneza, para lá mandando 16 quadros. Dêsses vendeu 13; os outros 3 estão, há dois anos, presos em um armazém da Alfândega do Rio. Muito pejejou o artista para retirá-los. A Alfândega exigiu provas de que os quadros eram de sua paleta; de que tinham tido licença para ir a Veneza e voltar. O nosso Di provou tudo; provou que é pintor; provou que os quadros são seus e não de Giorgione, Ticiano ou qualquer outro borra-tintas da escola de Veneza; que as senhoras de cor nêle representadas não são pessoas da família do mouro Otelo, como se suspeitou, mas sim honestas mulatas do bairro de Botafogo.

A Alfândega continuou a pedir mais e mais provas, mais e mais papéis, até que o Di, com licença da expressão, doutor, encheu. Como é pessoa maior de 60 anos e conhece o seu país, resolveu arrumar um pistolão. Munido dêste, oi, doutor, ao seu gabinete, onde alguém o recebeu com extrema gentileza, e o encaminhou ao inspetor da Alfândega, que, por sua vez, o mandou ao Lauro Boa Morte — um daqueles morenos e gordos Boa Morte que são sempre amigos dos artistas e da humanidade em geral.

Tudo muito bem — mas os quadros continuam na Alfândega. Di me escreve de Paris, diz que está precisando de dinheiro para pagar compromissos que tem aqui, e para isso quer vender os três quadros. Peço-lhe, portanto, para pedir a alguém de seu gabinete que peça ao inspetor da Alfândega que peça ao Lauro Boa Morte para liberar os quadros. Fora disso, manda cumprimentá-lo pela sua inclusão senhor ministro, entre os dez homens mais elegantes do Brasil, cumprimentos que faço também meus. E já que o senhor é tão elegante, seja-o um pouquinho mais: atenda ao artista e, se calhar, em um gesto realmente elegante, compre-lhe os três quadros, pendure um em sua parede, dê um de presente ao nosso JK e se não souber o que fazer do outro mande-o para iluminar a modesta pinacoteca dêste obscuro cronista que espera saudá-lo dentro de poucos anos em um belo salão do Palácio Alvorada, vendo-se, ao lado, tapeçarias de Di Cavalcanti, amén.

9.2.58